

Educação através do vídeo

A educação ambiental, implicando mudanças de atitudes, comportamentos, hábitos e valores de populações inteiras, tem grandes desafios à sua frente. É verdade que os problemas aumentam com o destrato às condições de vida dos seres vivos; entretanto, multiplicam-se as sutis formas que o consumo e o estilo de vida atual encontram para colocar a população como um todo em posição passiva e, ao mesmo tempo, voraz por novidades ou formas cômodas de se movimentar para, num círculo vicioso, encontrar no consumo sua forma privilegiada de se realizar.

Os trabalhos, em educação ambiental priorizam duas vertentes: informações, muitas vezes avassaladoras em quantidade e qualidade, configurando-se principalmente em denúncias — deixando o receptor aterrorizado e perdido, já que as questões se evidenciam complexas, amplas e múltiplas. O risco é reforçar um sentimento de impotência, que aciona por sua vez mecanismos de defesa tais como a descrença e a indiferença, já que os problemas parecem não poder ser resolvidos de modo mais eficaz pela ação do indivíduo ou de pequenos grupos. Outra abordagem em educação ambiental prioriza a ação, resgatando um tipo de relação perdida ou extraviada (caminhadas, hortas sem agrotóxicos, coleta seletiva de lixo, reciclagem etc).

Se estes dois caminhos — a informação e a ação — são fundamentais, eles talvez não levem suficientemente em consideração a intimidade e o nível afetivo de cada um, que têm papel relevante na possibilidade de modificar ou criar novas posturas. A crescente procura por atendimento psicoterápico evidencia uma busca deste íntimo e de seu desenvolvimento.

Para que a educação ambiental realmente atinja seus objetivos, ela deverá provocar uma revisão de valores que envolva mudanças internas profundas — um *não* a muitas condutas já estabelecidas. Para este processo é importante que cada um se dê conta de seu mundo interior/exterior com maior clareza quanto a sentimentos, desejos, resistências.

A partir desta convicção, fomos percebendo no vídeo um poderoso aliado para um efetivo trabalho em educação ambiental: além de trazer informação acessível, atraente por sua linguagem visual, atinge muitas vezes camadas efetivas profundas, podendo mobilizar fortes emoções. É um tipo de veículo pouco exigente, freqüentemente associado ao prazer, ao lúdico, e ainda de fácil acesso social e econômico.

Nossa proposta volta-se para o desenvolvimento de uma nova metodologia em educação ambiental, que a partir do vídeo promova um processo de integração entre conhecimento e o mundo afetivo de cada um, estimulando uma ação coerente.



Notamos que muitas vezes os vídeos são exibidos sem quaisquer comentários e/ou discussões posteriores, a nosso ver reforçando a passividade anteriormente mencionada, com uma tendência a negar os sentimentos despertados.

Em outras situações, a informação, os aspectos racionais e a *expertise* de alguns são privilegiados, o que pode muitas vezes gerar uma cisão entre a informação e o sentimento despertado.

Já se sabe que este tipo de encaminhamento bloqueia a possibilidade de uma mudança de atitudes. Com isto não estamos desqualificando a importância crucial do acesso/passageiro da informação. Estamos apenas assinalando que só a informação não basta.

Assim, buscamos um aprofundamento dos aspectos afetivos mobilizados pelo vídeo através de técnicas que explorem o contato que cada um possa ter consigo mesmo em relação às temáticas ligadas ao nosso contexto. Um contato individual num primeiro momento vívido dentro de um grupo. A partir deste momento subjetivo dentro do grupo, a idéia é desenvolver canais de partilha, em que a ênfase seja colocada no ouvir, no aceitar, no expressar e não no acertar, julgar, melhorar.

A sensibilização em que pensamos pode ser usada nos mais diferentes contextos. Uma mostra de vídeos, organizada por tema, com escolha cuidadosa do material e com a abertura de uma roda de conversa posterior é uma forma.

A mostra é um elemento volátil, mas, na medida em que haja grupos com encontros constantes, pode-se trabalhar mais sobre as propostas, explorando questões como espaço (do microespaço na casa até o contexto urbano, regional, nacional ou cósmico); o tempo (o ritmo, os compassos, o passado, presente, futuro); o cotidiano (os objetos, os animais, as plantas, o ar, a água, o fogo, a terra).

A criação de um espaço que possibilite um certo relaxamento, um clima receptivo a nível grupal, exercícios que combinem contato com respiração, visualização, escuta interna aos temas, vão criando condições favoráveis para as imagens, associações, sentimentos e percepções brotarem.

A partilha verbal, com eventual expressão gráfica e plástica, e outros meios de expressão, pode selar este encontro consigo e com os outros. Acreditamos que esta modalidade de trabalho de educação ambiental possa propiciar oportunidade de uma nova forma de cada um captar sua própria realidade e a dos outros, resultando em maior autonomia, criatividade e prazer, elementos que precisam estar mais presentes nos espaços educacionais, laborais e de vida de todos nós.

O aprendizado em ecologia requer emoção